

7. REFERENCIAIS ARQUITETÔNICOS

HOSPITAL DISTRITAL DE TAGUATINGA - BRASÍLIA/DF

Encontrar referenciais hospitalares não é uma tarefa fácil, pois cada unidade exibe suas próprias proporções de atendimento. Quando se procura por edifícios hospitalares, geralmente o que encontramos são hospitais de grande porte que estabelecem uma enorme relação com seu entorno, seu município e até o próprio estado. Desta forma, os referenciais estudados baseiam-se no encontro de semelhanças que pretendem ser trabalhadas na proposição desse projeto, tais como: forma, materialidade, cor, etc.

O Hospital Distrital de Taguatinga, projetado por João Filgueiras Lima, o Lelé, trabalha as relações da topografia existente, assemelhando-se ao caso do Hospital São Sebastião em Turvo/SC, e possui as mesmas atribuições que o hospital desempenha, além de pensar nas relações de iluminação e ventilação natural, marca registrada do arquiteto, e que devem ser atentamente analisadas.

O partido arquitetônico adotado tem como principal característica a sua implantação, que decorreu do aproveitamento da própria topografia existente, ou seja, do escalonamento do terreno em quatro plataformas com desníveis sucessivos de um pé-direito. Os pavimentos foram parcialmente sobrepostos e abrigam diversas atividades, além de gerarem solários para uso dos pacientes.

Essa adoção de partido possibilitou algumas vantagens, como a flexibilidade e extensibilidade, criando uma maior facilidade de expansibilidade de qualquer setor sem prejudicar o vizinho; redução sensível nos fluxos de circulação vertical; maior integração dos ambientes e espaços verdes ao nível do solo; maior facilidade para solução de acessos independentes estabelecidos no programa.



Figura 5.3. Foto do Hospital Distrital de Taguatinga e sua estrutura pré-moldada aparente, idealizada pelo arquiteto. Fonte: Joana França.

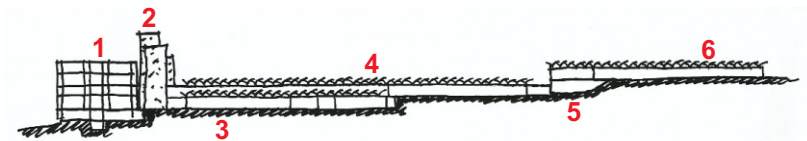


Figura 7.1. Corte esquemático mostrando as relações de topografia com o edifício escalonado. (1) Internação; (2) Torres de Circulação Vertical; (3) Serviços Gerais; (4) Serviços Técnicos (centro cirúrgico, centro obstétrico, raio x, central de material, emergência etc); (5) Arquivo Nosológico; (6) Ambulatório. Fonte: João Filgueiras Lima.

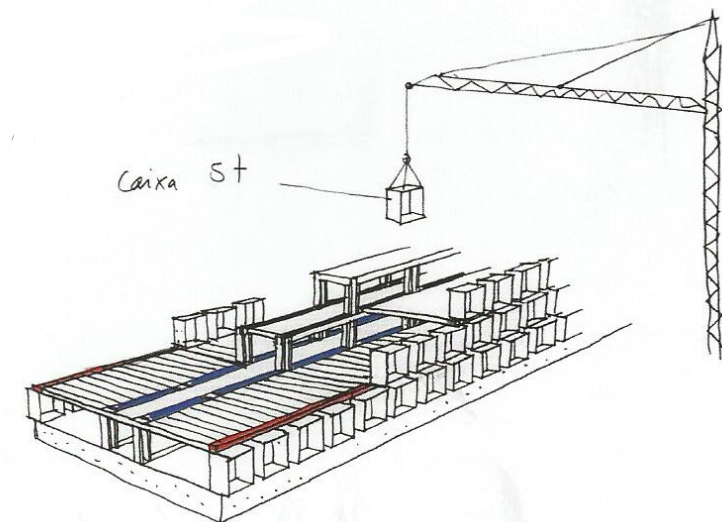


Figura 7.2. Esquema de montagem do sistema estrutural do Hospital Distrital de Taguatinga. Fonte: João Filgueiras Lima.

HAINAN HOSPITAL DO CÂNCER - CHINA

O Hospital do Câncer, proposto para Hainan, na China, é um projeto ambicioso que procura integrar o edifício à paisagem, buscando promover o otimismo, habilitação e reabilitação. A ideia principal é transformar a unidade em uma grande sociedade, através da criação de uma escala humana, promovendo um senso de comunidade.

O recinto hospitalar abriga o espectro completo de serviços de cuidados para o câncer, incluindo: diagnóstico inicial, cirurgia, extensos serviços de internamento e reabilitação, tratamentos como quimioterapia, radiação, oncologia e medicinas alternativas, divididos em duas zonas, sendo a zona oeste destinada aos tratamentos de casos agudos e a leste a zona de reabilitação.

O projeto busca a integração do edifício com seu entorno, através dos telhados - tornando-se grandes pátios verdes que, além de integrar a edificação com o entorno, resfriam-na e diminuem a utilização do controle de temperatura artificial - e também com a área térrea - onde são criados diversos parques lineares que promovem a ligação com as unidades do edifício, criando um ritmo harmonioso entre os espaços.

As relações ambientais também foram pontos importantes pensados na concepção desse projeto, com grandes aberturas dentro do setor de internação e nas circulações para que seja possível aproveitar bem a iluminação e ventilação naturais, que são fatores importantes no tratamento desses ambientes, tanto pela aeração do ambiente, quanto pelas relações de saúde e bem-estar.

As principais características analisadas nesse referencial baseiam-se na integração dos ambientes internos com os externos, com geração de visuais para o exterior que criam a sensação no paciente de estar no lado de fora, mesmo estando dentro do edifício, sendo que a concepção do edifício engloba a importância da natureza e do paisagismo no atendimento, tratamento e reabilitação dos pacientes.



Figura 7.3. Imagens do Hainan Hospital do Câncer, mostrando a integração do espaço com o entorno e das relações criadas pela proposição. Fonte: Autor.

NOVO HOSPITAL DE JUTLAND - DINAMARCA

O Novo Hospital de Jutland, na Dinamarca, é fruto de um concurso de projeto vencido pelo escritório CuraVita, para a concepção de um hospital com 135.000 m², que se localizaria fora da malha urbana, sendo um dos maiores hospitais do norte da Europa.

O projeto se destaca pela adaptação do edifício à paisagem, já que está localizado em uma área isolada da cidade e utiliza conceitos nas diferentes áreas inspirado no paciente e na paisagem.

A inspiração no paciente surge a parti da visão de criar um hospital moderno que oferece eficiência terapêutica e operacional, ao mesmo tempo que é percebido como eficiente pelos pacientes, familiares e sua equipe. Para garantir um fluxo de trabalho eficiente, o projeto prevê um contato estreito entre as alas e especialidades profissionais, fornecendo espaço para o médico para vir até o paciente, em vez do contrário. Ao otimizar as rotas de transporte, o projeto fornece a estrutura para um hospital eficiente e dinâmico, onde o paciente está no centro, e a proximidade com as especialidades profissionais garante um diagnóstico rápido e preciso.

A inspiração na paisagem baseia-se em evidências que apontam que um hospital que aumenta a relação entre interior e exterior, integrando a paisagem circundante como uma parte vital do projeto de construção, cria efeitos psicológicos no paciente que aumentam suas expectativas de melhora. Desta forma, a extensa paisagem tem sido a principal inspiração para o uso de materiais para uma atmosfera caseira em vez de a atmosfera clínica de um hospital tradicional.

O contato próximo com a natureza circundante resultou em um conceito arquitetônico claro, que tira partido da paisagem para integrar o edifício a ela e ainda proporcionar uma conexão entre interior e exterior de maneira a gerar ao paciente maior conforto, bem-estar e ligação com a natureza durante a estadia dentro do EAS.



Figura 7.4. Imagens do Novo Hospital em Jutland, mostrando a integração do espaço com a paisagem. Fonte: CURAVITA (2011).

HOSPITAL PARA CRIANÇAS EM PHOENIX - ARIZONA

Hospital para Crianças de Phoenix, no Arizona, foi projetado pelo escritório HKS Architects. É uma instalação de 11 andares, sendo um dos maiores campus pediátricos do país. A equipe de design foi desafiada a aperfeiçoar o projeto do edifício, através de um planejamento com a flexibilidade existente, além de criar uma imagem para a edificação que é ousada e original, evocando uma atmosfera inspiradora e reconfortante.

O conceito de design global para o Hospital de Phoenix era criar um oásis que estivesse visualmente ligado à paisagem circundante, emulando as montanhas e deserto. A torre oferece vistas deslumbrantes a partir dos quartos de pacientes e muitos espaços públicos, tais como corredores e áreas de espera. O planejamento do edifício é baseado em um eixo norte-sul e leste-oeste para preservar a facilidade de navegação. Ele também inclui marcadores que abrem o caminho para diferentes áreas. Isso inclui paletas de cores, murais e esculturas que orientam o caminho para várias instalações também adicionando um toque estético e edificante para a atmosfera.

O edifício foi modelado através de um simulador de insolação por computador, maximizando o potencial de luz do dia e minimizando o ganho de calor. A forma curvilínea na face norte é projetada para responder bem ao sol, que atinge em torno das faces leste e oeste da região. Pátios ao ar livre são bem-sombreados nos meses de verão, o átrio também funciona como uma parede de luz, proporcionando uma entrada para os visitantes. Um jardim no terraço - ambientado com árvores de grandes dimensões - oferece uma área de lazer, jantar e lounge com cadeiras ao ar livre para pacientes, familiares e equipe.

A utilização de cores e os conceitos utilizados no Hospital para Crianças, em Phoenix, criam um edifício que estabelece relações de conforto e bem-estar com os utilizadores do espaço, além de se integrar a paisagem existente, transformando a ideia de ambiente hospitalar



Figura 7.5. Imagens do Novo Hospital em Jutland, mostrando a integração do espaço com a paisagem e das relações pela proposição. Fonte: HKS (2012).

MUSEU MAR - RIO DE JANEIRO

O Museu Mar, localizado no Rio de Janeiro, é um espaço que engloba duas edificações de períodos distintos: o ecletismo (com o Palacete Dom João VI) e o modernismo (com uma edificação de 1940), isoladas, e que não mantinham nenhuma relação entre si. Para que essas construções pudessem efetivamente se tornarem o Museu Mar, foram propostas uma série de intervenções nos edifícios, capazes de conferir aos dois espaços uma unidade.

O Palacete Dom João VI, foi inaugurado em 1916 para abrigar a Inspetoria de Portos (empresas marítimas e autarquias). De 1980 ao ano 2000 seguiu abandonado, sendo tombado em 2000. Sua fachada foi restaurada para se aproximar-se o mais perto possível da identidade original, mantendo cores e ornamentos.

O prédio modernista, da década de 1940, já funcionou como delegacia de polícia, hospital da Polícia Civil e terminal rodoviário. Na reforma, alguns elementos modernistas presentes do edifício e ocultos com o passar do tempo, foram valorizados, como: pilotis no térreo, mezanino e uso da cobertura.

Após a intervenção do espaço, o Palacete abriga as salas de exposição do museu. O prédio vizinho abriga a Escola do Olhar, que é um ambiente para produção e provocação de experiências, coletivas e pessoais, com foco principal na formação de educadores da rede pública de ensino.

A marca do projeto, a cobertura da praça suspensa, tem uma forma abstrata e etérea. Uma estrutura fluida, extremamente leve, simulando a ondulação da superfície da água. Uma arquitetura de caráter poético e carregada de significado, simples e ao mesmo tempo moderna na questão de cálculo estrutural. Esse elemento será visto tanto de perto quanto de bem longe, tanto de baixo, para quem está chegando a Praça Mauá, quanto de cima, para quem está no Morro da Conceição.



Figura 7.6. As duas edificações antes da intervenção proposta. Fonte: JACOBSEN (2011).

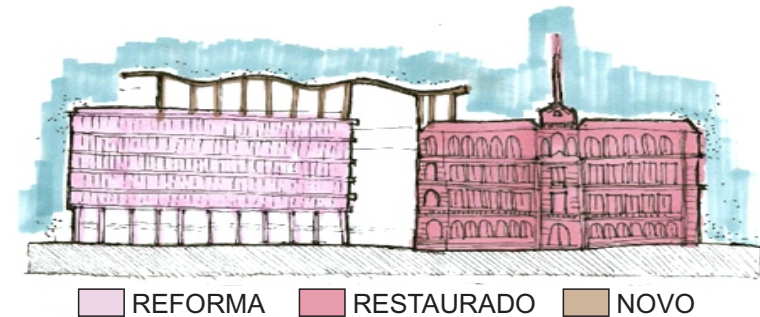


Figura 7.7. Identificação do tipo de intervenção sofrida por cada unidade na proposta dos arquitetos para a obtenção dos edifícios como unidade na proposição do Museu Mar. Fonte: Autor.



Figura 7.9. Imagem das duas edificações após a intervenção proposta, com os dois edifícios já restaurados e a cobertura. Fonte: JACOBSEN (2013).

O processo de intervenção estabelecido pelo Museu Mar demonstra a preocupação em tornar evidente as duas edificações, sem que haja uma competição. É claramente identificável que elas são de períodos diferentes, entretanto as cores em tons claros criam uma unidade no projeto, sem sobreposições.

A cobertura projetada integra os dois edifícios, dando a impressão de que sempre esteve presente, porém com linhas contemporâneas que permitem o entendimento claro de que foi uma adição recente.

O projeto é claramente identificado como unidade por uma série de quesitos que criam a sensação de horizontalidade e verticalidade através dos mesmos elementos, dando a impressão de estarmos visualizando duas edificações que foram construídas para serem um conjunto. A horizontalidade surge através das linhas de interseção dos pavimentos, que seguem o mesmo alinhamento. A verticalidade por possuírem a mesma altura e praticamente a mesma proporção entre altura e largura dos dois edifícios. O ritmo, constituído através das aberturas, aparece de forma simples, mas que conforma um outro nível de conjunto.

A análise dos métodos utilizados por esse projeto é de extrema importância a estabelecer uma relação de entendimento com o processo de intervenção e buscar extrair um plano de projeto que seja a melhor maneira de intervir na existência sem que haja uma competição entre as áreas antigas e as criadas, conformando ao edifício uma unidade. Ao mesmo tempo que isso acontece, é importante que fiquem claras as novas adições e as pré-existências, sendo que o espaço e o visual não são podem ser descaracterizados, pois o edifício, acima de tudo, trabalha hoje como uma referência urbana, e deve ainda elucidar as mesmas características atuais, porém com uma nova configuração espacial, que seja compatível com os procedimentos que são realizados dentro do Hospital São Sebastião, em Turvo/SC.

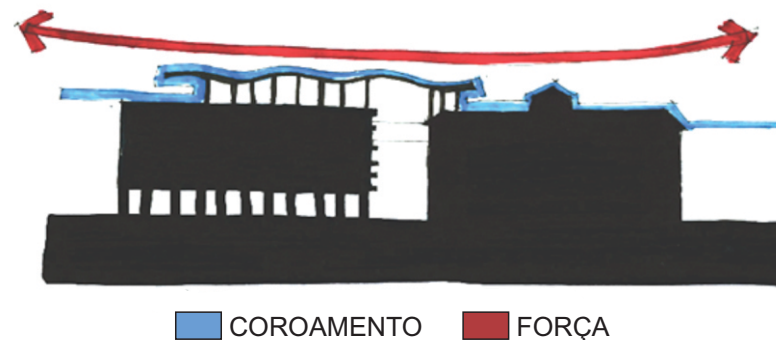


Figura 7.10. Análise identificando as linhas de força e coroamento do edifício. A cobertura, então, trabalha como coroamento e se destaca pelas linhas curvas, um cuidado dos projetistas de identificar o que é novo e o que é antigo. Fonte: Autor.

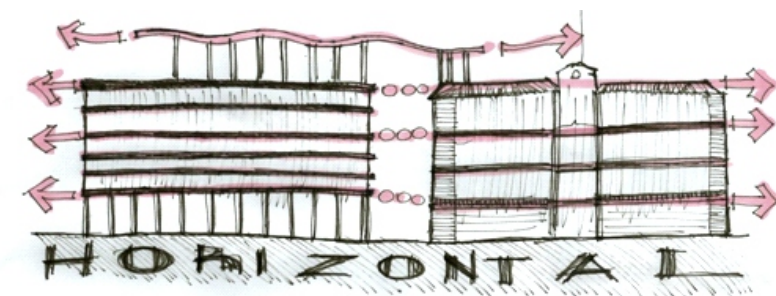


Figura 7.11. Imagem demonstrando as linhas horizontais do edifício e a relação que elas estabelecem com o todo. Fonte: Autor.



Figura 7.12. Imagem da colocação da cobertura que realiza o coroamento e a união dos dois edifícios. Fonte: JACOBSEN (2013).

MUSEU DAS MINAS E DO METAL - BELO HORIZONTE

O Museu das Minas e do Metal, localizado em Belo Horizonte, Minas Gerais, projetado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha e seu filho, é uma iniciativa do estado de criar um circuito cultural, dando novos usos aos edifícios históricos, que ficariam abandonados com a transferência da administração pública, antes realizada nessas edificações, para a cidade administrativa Tancredo Neves.

Com mais de 40 atrações, o museu tenta demonstrar desde a importância do metal na vida das pessoas à sua relevância dentro da economia do país. Os espaços expositivos espalham-se pelos três pavimentos da edificação (o térreo contempla as informações sobre a cidade de Belo Horizonte; no primeiro andar estrutura-se o Museu das Minas; e no segundo andar está distribuído o Museu do Metal).

O processo de intervenção nesse marco histórico acontece tanto dentro como fora, adicionando três volumes principais: dois, externos, que desempenharão o papel de circulação vertical do edifício (um elevador, e uma escada) e outro, interno, em forma de U, que envolveu o vazio existente entre a edificação histórica e o seu anexo. A aposta do arquiteto para esse espaço foi diferenciar claramente o novo do antigo através da cor e dos materiais utilizados, como o aço e o vidro, além de hierarquizar os acessos principais do edifício através dos novos volumes, ficando clara através da cor e materialidade utilizadas.

A apropriação desse projeto como referencial acontece pelo método de intervenção que foi utilizado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha, com clara visualização do novo com o antigo e da utilização de materiais como o vidro e o aço, que demonstram uma adição posterior ao edifício. É um trabalho sutil, que não interfere estruturalmente e nem fisicamente na edificação, podendo ela ser retirada a qualquer momento e sem grandes danos, mostrando uma preocupação clara do projetista em manter o edifício de valor histórico, intacto.



Figura 7.13. Imagem do edifício, sendo possível diferenciar as novas adições e o antigo presente no espaço. Fonte: BRAGANÇA (2010).



Figura 7.14. Foto demonstrando o acesso principal do edifício e logo atrás as intervenções feitas por Paulo Mendes da Rocha. Fonte: BRAGANÇA (2010).

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA - ROMA

O MACRO - Museu de Arte Contemporânea, localizado em Roma, projetado pelo arquiteto francês Odile Decq, é uma tentativa de trazer linhas arquitetônicas mais modernas à uma cidade basicamente, antiga, que preserva suas construções.

O museu contempla uma área coberta de 12.000m², abrigando serviços de exposição, auditório, salas para eventos especiais, livraria, biblioteca de aprendizagem e exposições nos níveis permanente, semi-permanente e também temporárias, além de workshops para crianças, projeção de filmes e conferências.

Essa edificação está inserida na complexidade de uma antiga instalação industrial e confrontado com o patrimônio histórico. O projeto de união dessas edificações é uma resposta dinâmica, de movimento e de evidência à uma condição estática existente no lugar. A intervenção exterior acontece em uma esquina, unificando duas edificações através da adição de um novo volume, com uma materialidade diferenciada, evidenciando o novo e o antigo.

Segundo ideais do projeto, a intenção é que a parte nova, adicionada, seja a interferência entre todos os fluxos, capaz de conferir ao espaço uma claridade atrativa, onde todos os caminhos levam à área de intervenção nos edifícios. Além disso, o terraço é também um ponto focal do projeto, tornando-se um terraço-jardim abstrato que, através da própria vegetação, torna-se uma obra de arte capaz de impressionar e de gerar sensações aos usuários.

A apropriação do referencial pelo projeto é a diferenciação clara entre a adição e a preservação, através do volume, da materialidade e da cor, demonstrando as intenções claras do arquiteto Odile Decq. Essa evidência do novo e antigo cria o claro entendimento do observador, além de hierarquizar a entrada principal, que acontece pelo novo volume adicionado, tornando fácil a percepção do espaço pelo usuário.



Figura 7.15. Imagem do Museu MACRO, em Roma, e a adição provida do processo de intervenção estabelecido. Fonte: DALBERA (2011).



Figura 7.16. Imagem do Museu MACRO, em Roma, e a adição provida de uma cobertura implantada posteriormente. Fonte: DALBERA (2011).



Figura 7.17. Foto do interior do museu, mostrando o contraste com a parte exterior do edifício após o processo de intervenção. Fonte: DALBERA (2011).